

O tanque de água do templo romano de Évora

Notícia preliminar da intervenção arqueológica de 1996

Theodor Hauschild* e Panagiotis Sarantopoulos**

Resumo

O principal objectivo desta campanha foi o de continuar a pôr a descoberto o tanque do Templo Romano de Évora, com o fim de definir os seus limites e, também, observar o seu estado de conservação. A localização dos cantos nordeste e noroeste do tanque de água, com as respectivas aberturas de escoamento, assume grande importância para a problemática da distribuição de água na cidade de Évora.

Abstract

The main goal of the latest archaeological field season was to continue to uncover the area of the tank of the Roman Temple, in order to define its limits and, also, to observe its state of preservation. The identification of openings for water outlets at the northeast and northwest extremities of the water tank confirm the importance of the problem of water distribution in the city of Évora.

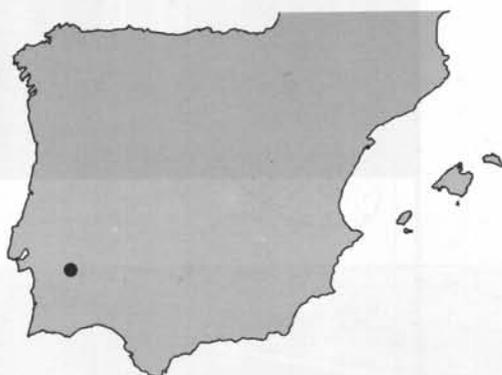
* Cerrado Grande, Arroeiros – Igreja Nova, 2640 Mafra.

** Câmara Municipal de Évora.

Bibliography

- BLANKINSHIP, J. (1969). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (1970). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (1971). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (1972). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (1973). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (1974). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (1975). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (1976). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (1977). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (1978). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (1979). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (1980). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (1981). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (1982). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (1983). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (1984). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (1985). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (1986). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (1987). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (1988). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (1989). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (1990). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (1991). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (1992). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (1993). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (1994). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (1995). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (1996). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (1997). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (1998). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (1999). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (2000). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (2001). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (2002). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (2003). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (2004). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (2005). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (2006). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (2007). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (2008). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (2009). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (2010). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (2011). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (2012). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (2013). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (2014). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (2015). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (2016). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (2017). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (2018). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (2019). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.
- BLANKINSHIP, J. (2020). *The Roman Temple in the West*. London: Duckworth.

No âmbito de um projecto de investigação sobre o templo romano de Évora e zona envolvente (Hauschild, 1994), foi posto parcialmente a descoberto um tanque – espelho – de água junto aos três lados do templo, em trabalhos arqueológicos realizadas entre 1987 e 1995 pelo Instituto Arqueológico Alemão e pela Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa (Prof. Doutor Pedro Fialho).



As novas prospecções arqueológicas – prévias ao projecto de reordenamento urbanístico que a Câmara Municipal se propõe realizar nesta área – tiveram lugar no segundo semestre de 1996, concentrando-se em três zonas de sondagem que passamos a descrever (fig. 1)¹:

¹ Agradecemos à Câmara Municipal de Évora, promotora dos trabalhos (através da comparticipação financeira do programa comunitário PORA, no âmbito do QCA-II) todo o apoio prestado. Para além dos signatários colaboraram, na área de conservação e restauro, a Associação para o Desenvolvimento da Conservação e Restauro/ADCR, na pessoa do Prof. Arquitecto Pedro Fialho de Sousa; no estudo do espólio cerâmico, o Dr. Félix Teichner. Para as restantes contribuições um especial agradecimento a Armando Guerreiro, Conceição Roque, Maria Luísa Nata, Helena Ramalinho Arimateia, Paulo Barbosa, Manuela Venâncio, Fernando Coelho, Cristina Flores, Custódia Antunes, João Helder Leitão Afonso, Isabel Almeida, Matias Tissot, Alexandre Oliveira, Manuel Vaquinhas, António Romeiro e Lígia Rafael.

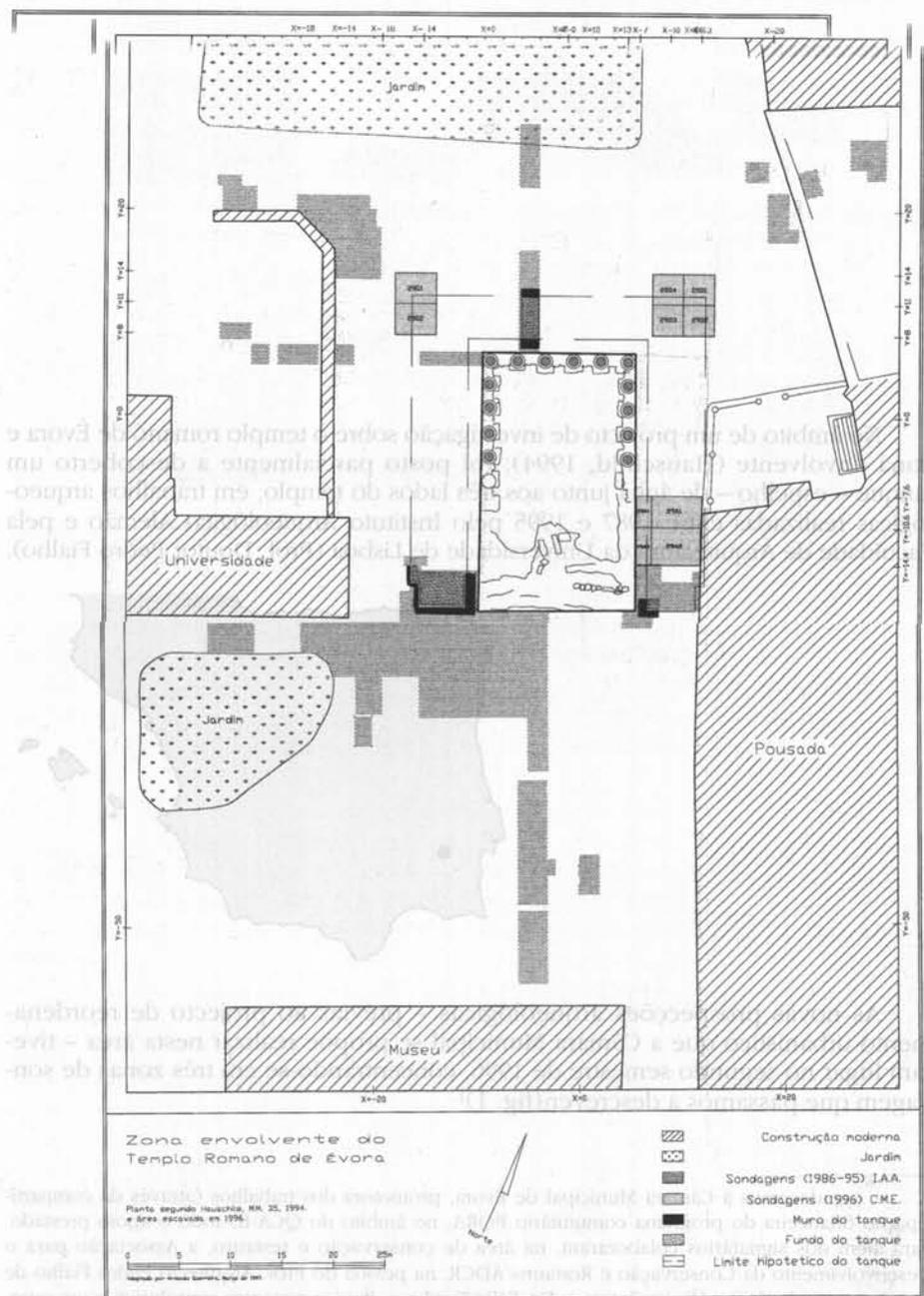


Fig. 1 – Planta geral da zona envolvente do templo romano com a localização das sondagens efetuadas em 1996. Tratamento digital de A. Guerreiro.

1. Sondagem 29A (figs. 2 e 3)



Fig. 2 – Vista geral do corte 29A.



Fig. 3 – Aspecto do corte 29A.

Esta zona foi aberta no canto SE do pódio do Templo, apresentando a sondagem as dimensões de 6,80x6,80 m, correspondente a X = 5,20 a 12 e Y = 7,60 a 14,40.

Os estratos subjacentes à calçada da praça actual encontram-se, em grande parte, alterados devido à vala para a colocação da conduta de água. A 20 cm abaixo, na zona adjacente ao pódio, encontra-se a parede do tanque, em *opus caementicium*, e a 90 cm, abaixo o respectivo pavimento do fundo. Não foi possível determinar a delimitação do *opus caementicium* a Oeste, dado que o edifício da Pousada dos Lóios assenta sobre ele. A largura do tanque, medida no fundo, é de 4,60 m.

O estado de conservação é razoável, mas observou-se que o alicerce do templo não tem muita profundidade dado assentar num estrato de terra situado acima do nível do muro fragmentado do tanque. Assim, a parte baixa do alicerce do templo está à vista, o que lhe confere uma certa instabilidade. Tendo em conta a pouca profundidade do alicerce do templo, pensamos respeitar, para as seguintes sondagens, uma distância de 2 m até o embasamento do mesmo (Hauschild, Fialho e Sarantopoulos, 1997).

2. Sondagem 29D (fig. 4)

Esta zona de sondagem foi aberta a 2 m do canto NE do Templo, e apresenta as dimensões de 6x6 m, correspondente a X= 7 a 13 e Y = 8 a 14.

Os estratos situados sob a actual praça Conde de Vila Flor encontram-se, em grande parte, alterados devido à instalação de valas da conduta de água e de



Fig. 4 – Aspecto do corte 29D.

electricidade e danificaram as construções romanas. A uma profundidade de 0,57 m abaixo do nível da praça surgiram os restos do pavimento, em *opus signinum*, do tanque de água. As destruições provocadas pelas valas modernas e pelos vários silos de época medieval afectaram não só este pavimento mas também os muros que formam o canto nordeste do tanque. Nesta zona, o *opus caementicium* apresenta uma espessura que varia entre 0,80 e 0,88 m. Os alicerces destes muros atingem uma profundidade de 0,30 m.

A destruição da parte exterior dos muros foi de tal forma grave que já não subsistem estratos de entulhos sobre a terra virgem, cuja superfície está inclinada para Este, com material cerâmico de várias épocas, nomeadamente modernas.

No canto nordeste do tanque de água foi identificada uma fossa de 0,35x0,35 m, que tem a profundidade de 0,35 m abaixo do nível do pavimento do tanque. Trata-se de um característico depósito de recolha, no lugar de saída de águas. O muro situado junto a este depósito está destruído até ao alicerce, mas existem, na parte interior, marcas de silhares e restos de *opus signinum*. O estado de conservação desta área é mau.

3. Sondagem 29G (figs. 5 e 6)

Esta sondagem, com as dimensões de 4x6 m, correspondente a X=14 a 18 e Y = 8 a 14, foi aberta no canto noroeste do templo romano.

Nos limites Oeste, Norte e Este da sondagem, e apenas a 15 cm sob a superfície da praça moderna, surgiram muros construídos com argamassa de cal e pedras, dispostos paralelamente às linhas da sondagem, que devem corresponder aos alicerces das paredes das casernas – prisões – do antigo edifício da Inquisição. Os limites da sondagem apenas permitem observar uma pequena parte de cada muro. A pouca profundidade, foram detectados outros muros que constituem as paredes exteriores do tanque de água, revestidos na face interior com uma camada de *opus signinum*. Visto que as camadas de entulho que se juntam aos muros são datadas, aproximadamente, do século XVI, admite-se que esta zona já deveria estar soterrada na época da Inquisição, servindo o respectivo muro norte do tanque de água como fundação de uma parede do edifício da Inquisição.

Encontrou-se o pavimento de água a 0,90 m de profundidade abaixo da praça moderna. O pavimento está bem conservado, apresentando apenas no canto noroeste algum desgaste na superfície, provocado, possivelmente, pela extracção do fecho do cano de saída de água do qual o muro apresenta ainda, numa altura pouco elevada acima do nível do pavimento do tanque, uma faixa de *opus signinum*. A linha do cano de saída de água atravessa o muro do canto e desemboca num canal que se junta na esquina exterior. Deste canal conserva-se um muro (norte) de 0,50 m de espessura e 0,45 de altura. Do outro muro que limitava o canal não é possível observar, de momento, a situação, visto que foi integralmente coberto pelo alicerce do muro do Palácio da Inquisição.

No muro Oeste do tanque existe outro tubo de saída de água com 3,5 cm de diâmetro. Fica situado 10 cm acima do nível do pavimento do tanque, e esta sua localização aponta para uma saída de água. É de realçar o facto de o muro do tanque ter uma maior espessura no ponto da mencionada saída de água. No lado exterior deste muro existem, 0,92 m abaixo do nível da praça moderna, res-

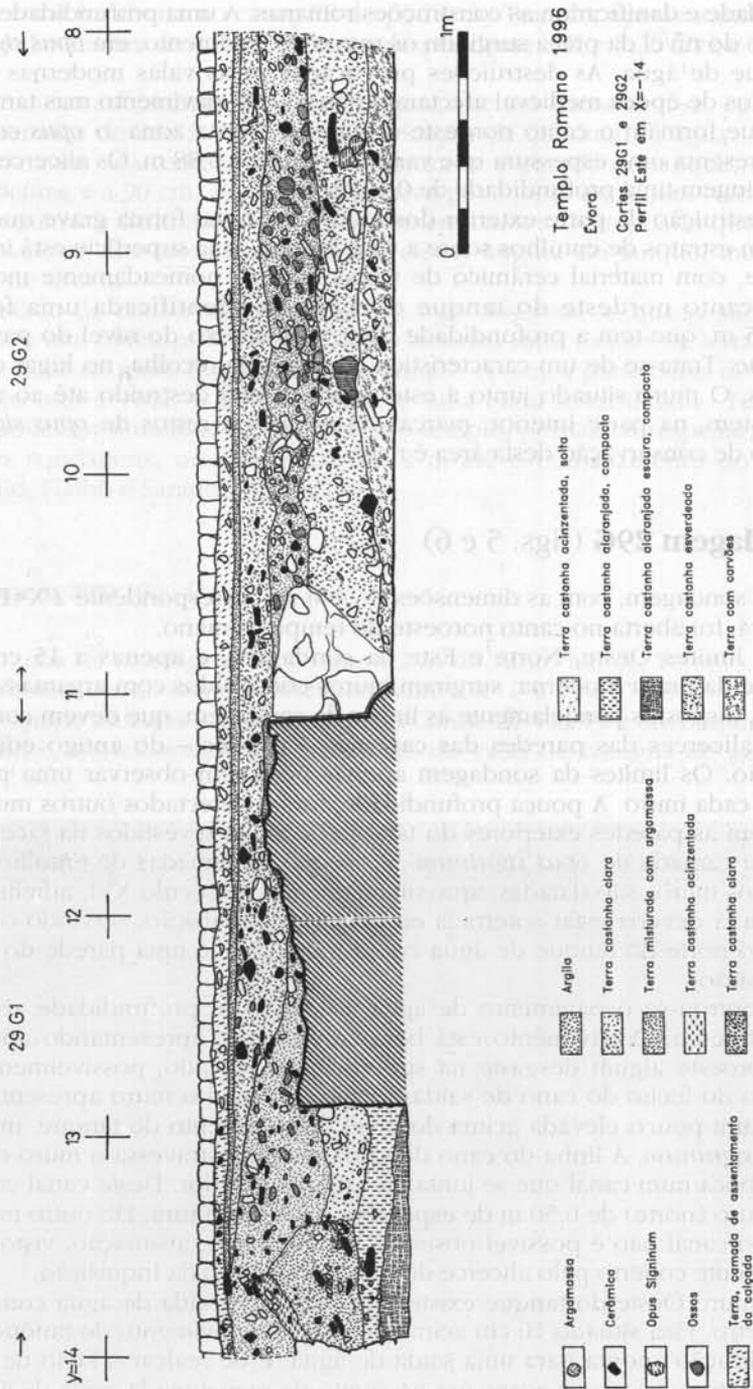


Fig. 5 – Perfil Este da sondagem 29G (X= -14). Desenho de M. Nata.



Fig. 6 – Aspecto do corte 29G.

tos de *opus signinum* de construção anterior à do tanque de água. Surgiram também junto ao canto nordeste dos muros do Palácio da Inquisição ossos humanos, sem conexão anatómica.

O estado de conservação desta área é razoável.

4. Resultados obtidos

A localização dos cantos nordeste e noroeste do tanque de água, com as aberturas de saída de água, assume grande importância para a problemática da distribuição da água na cidade de Évora. Em relação às construções de época medieval e moderna, destaca-se a identificação dos muros do Palácio da Inquisição mencionados em planta publicada (Bethencourt, 1994, p. 58).

Entre o material recolhido nos estratos de entulho da sondagem 29A destacam-se dois fragmentos de mãos, em mármore, que justifica aqui publicar ainda

que sumariamente (figs. 7 e 8). O comprimento dos fragmentos é de 20 cm; a altura de 10 cm. Trata-se da palma de uma mão esquerda, em tamanho natural ou talvez um pouco maior, com os dedos mutilados. É de realçar a presença de anéis no indicador e no dedo anular, provavelmente indicadores de uma mão feminina. A mão segura uma caixa redonda (acerra ou *pyxis*), com uma abertura de 7 cm de diâmetro. 22 pequenas bolas, que podemos interpretar como grãos de incenso, representam o conteúdo da *pyxis*. Existem em Portugal mais dois exemplares de fragmentos de estátuas romanas que mostram uma caixa de incenso de forma idêntica (fig. 9). Uma dessas peças, uma *pyxis* segurada por dois dedos, pertence a uma coleção privada de Reguengo do Fetal, encontrada em S. Sebastião do Freixo, e publicada por Vasco de Souza (1990, p. 48) no *Corpus Signorum Imperii Romani*.

O segundo exemplar apareceu na escavação arqueológica junto ao Templo de Almofala (Frade, 1990, 1991).

O melhor exemplo para uma comparação encontra-se numa estátua feminina de Caere (Cervetri), exposta no Museu Gregoriano Profano, Vaticano (Helbig, 1963, p. 754; Fuchs, Liverani e Santoro, 1989, p. 80), que segura na mão esquerda uma *pyxis* cheia de grãos de incenso. Data da primeira metade do século I d.C., de acordo com as suas características estilísticas. Este tipo de estatuária remonta à escultura grega do séc. IV a. C. (Kabus-Jahn, 1962, p. 18)² (fig. 9).

Nos fragmentos encontrados em Évora faltam elementos seguros para uma datação. No entanto, ela deverá situar-se, provavelmente, entre os séculos I e III d. C.

Relativamente ao lugar do achado (junto ao templo) existe uma referência, do século passado, de que o tanque foi escavado na sua totalidade e depois coberto de novo com terra. Parece-nos que os fragmentos aqui presentes chegaram provavelmente com as terras do enchimento, oriundas de outros lugares da cidade, o que deixa em aberto a questão sobre a sua verdadeira procedência.

Évora, Novembro de 1997

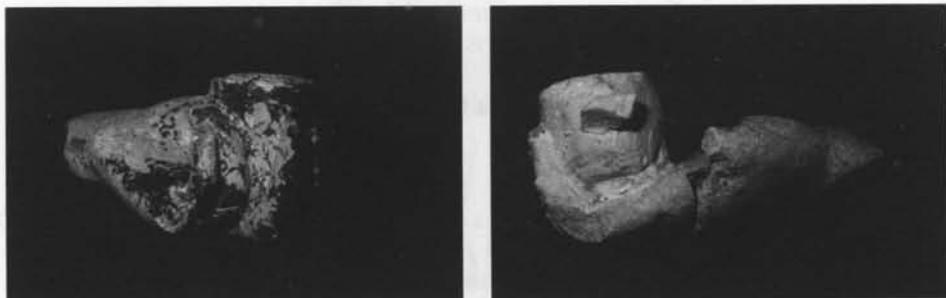


Fig. 7 – Vistas dos fragmentos em mármore da mão esquerda que segura uma *pyxis*.

² Agradecemos a W. Trillmich esta informação.

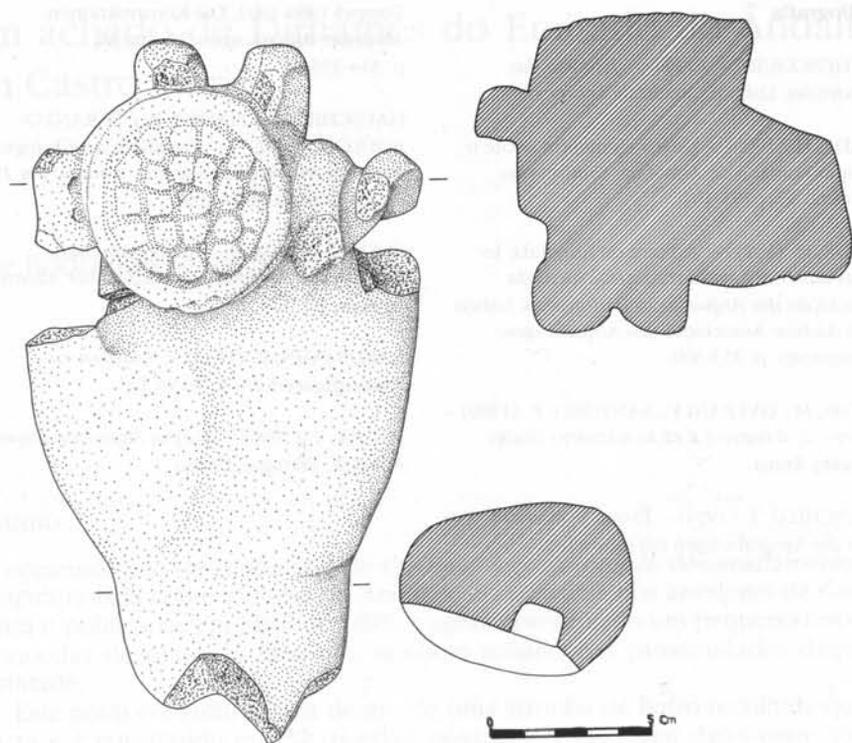


Fig. 8 – Fragmento em mármore da mão esquerda que segura uma *paxis* (*puxiV*) com 22 grãos de incenso. Inv. n.º EVT96/17-166. Corte 29A2. Desenho de F. Pereira.

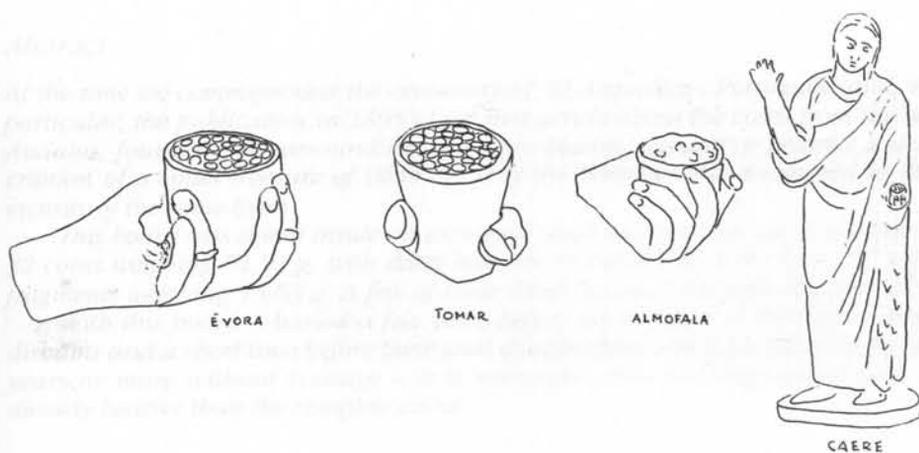


Fig. 9 – Desenhos das mãos de Évora, Tomar e Almfala.

Bibliografia

BETHENCOURT, F. (1994) – *História das Inquisições*. Lisboa: Círculo de Leitores.

FRADE, H. (1990) – Novos elementos sobre o Templo Romano de Almofala. *Conimbriga*. Coimbra. 29, p. 91-101.

FRADE, H. (1991) – A Torre de Almofala. In *Actas das IV.ªs Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa 1990. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 353-360.

FUCHS, M.; LIVERANI P.; SANTORO, P. (1989) – *Caere – 2, Il teatro e il ciclo statuário Giulio-Claudio*. Roma.

HAUSCHILD, T. (1994) – Évora, Vorbericht über die Ausgrabungen am romischen

Tempel 1989-1992, Die Konstruktionen. *Madrider Mitteilungen*. Mainz. 35, p. 314-335.

HAUSCHILD, T.; FIALHO, P. e SARANTOPOULOS, P. (1997) – *Trabalhos arqueológicos na zona envolvente do templo romano em 1996*. Évora: Câmara Municipal.

HELBIG, W. (1963) – *Führer durch die öffentlichen Sammlungen klassischer Altertümer in Rom*. 1.

KABUS-JAHN, R. (1962) – *Studien zu Frauenfiguren des 4. Jhs.v.Chr.*

SOUZA, V. (1990) – *Corpus Signorum Imperii Romani, Portugal*. Lisboa.